

MISÉRIA E VARÍOLA NO ROMANCE A FOME DE RODOLFO TEÓFILO: UMA ANÁLISE ESTÉTICO-POLÍTICA

José Ernane Pereira Ferreira¹
Zilda Maria Menezes Lima²
Kerginaldo Luiz de Freitas³
Danilo Lopes Ferreira Lima⁴

Resumo

Este artigo analisa o romance "A Fome" (1890), de Rodolfo Teófilo, como um registro literário da Grande Seca de 1877-1879 no Ceará, destacando aspectos estético-políticos e a memória coletiva. O objetivo é compreender como a obra representa a seca, a fome e a epidemia de varíola, articulando uma crítica à negligência estatal e construindo um imaginário social permeado por sofrimento, resistência e religiosidade popular. Adota-se metodologia qualitativa com análise de conteúdo e hermenêutica literária para investigar as representações narrativas da obra. Os resultados indicam que o romance transcende a narrativa ficcional, funcionando como instrumento de denúncia social, registro histórico e tecnologia educativa. Conclui-se que a obra sensibiliza para a importância da justiça social e do papel do Estado no enfrentamento das calamidades, contribuindo para o diálogo interdisciplinar entre história, literatura, arte e políticas públicas.

Palavras-chave: Seca; Fome; Varíola; Representação social; Memória coletiva.

1. Introdução

A Grande Seca de 1877-1879, ocorrida no Nordeste brasileiro, destaca-se como um dos eventos mais dramáticos e emblemáticos na história social e ambiental do país. Segundo Alencar (2012), essa catástrofe natural resultou em elevada mortalidade, migrações forçadas e profundas transformações nas estruturas socioeconômicas locais, configurando-se como uma

¹ Mestrando em Ensino na Saúde e Tecnologias Educacionais – Centro Universitário Christus - UNICHRISTUS. Docente da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza/Academia do Professor Darcy Ribeiro. ID Lattes: 5443658507109977

² Doutora em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente da Universidade Estadual do Ceará (UECE). ID Lattes: 2034719491225267

³Doutor em Psicologia (Universidade de Fortaleza). Docente da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza/Academia do Professor Darcy Ribeiro. ID Lattes: 2967153506135841

⁴ Doutor em Ciências da Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Docente do Centro Universitário Christus - UNICHRISTUS. ID Lattes: 1815947099924439

das maiores tragédias humanitárias, marco indelével na memória coletiva do Ceará e do Brasil. Diante desse contexto, a produção literária de Rodolfo Teófilo, em especial o romance *A Fome* (1890), emerge como uma narrativa de denúncia e documentação, integrando aspectos literários, artísticos e políticos.

Rodolfo Teófilo nasceu em Salvador, Bahia, em 6 de maio de 1853, filho do médico Marcos José Teófilo, natural do Ceará, e Antônia Josefina Sarmento Teófilo. Logo após seu nascimento, sua família mudou-se para Fortaleza, Ceará, onde viveu praticamente toda a sua vida. Ele costumava dizer que era "cearense porque queria", pois sua identificação cultural e social sempre esteve ligada ao Ceará, estado em que desenvolveu suas atividades como médico, sanitarista e escritor. Essa combinação de origens baianas e identificação cearense é amplamente reconhecida em trabalhos acadêmicos e instituições locais (SOUSA JÚNIOR; ALENCAR, 2017; ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS, 2023).

O romance do autor acima citado transcende a simples narrativa ficcional, para realizar um relato circunstanciado de um fenômeno histórico, construindo uma estética que mobiliza o leitor por meio de representações acerca da miséria, que remete à tradição da pintura social europeia. A obra não se limita a narrar a escassez e a morte, mas cria imagens vívidas que promovem um rico diálogo entre literatura, história, arte e memória social. Dessa forma, revela-se uma crítica política incisiva à negligência do Estado diante da seca, da fome e da epidemia de varíola, esta última utilizada simbolicamente para evidenciar a ausência quase absoluta de investimento em saúde (VENÂNCIO, 2011).

A Fome, o romance, ocupa lugar de destaque no campo dos estudos sobre literatura e cultura no Brasil oitocentista, conforme destacado por Sodré (1995), ao estabelecer uma ponte entre a experiência histórica e a construção de um imaginário coletivo que persiste na cultura nordestina. A análise da obra sob o prisma da representação estética da calamidade revela seu papel não apenas como documento histórico-literário, mas como mecanismo formativo e tecnológico para a profunda ausência de educação em saúde (KOSOY, 2001; CASCUDO, 2003).

Este artigo, então, tem como objetivo geral analisar o romance *A Fome* como um registro que vai além do literário, possibilitando uma crítica social e política, ao construir um imaginário coletivo que incorpora sofrimento, resistência, religiosidade popular como elementos centrais. Assim, busca-se compreender de que forma a obra articula palavra, imagem, história e memória para denunciar as falhas estruturais do Estado e refletir sobre as consequências das calamidades sociais e sanitárias no Nordeste brasileiro e especificamente do Ceará.

A questão que orienta este estudo é: como A Fome de Rodolfo Teófilo representa e problematiza as dimensões estéticas, sociais e políticas da seca, da fome e da epidemia de varíola, de modo a constituir um instrumento educativo e memorialístico? A resposta a essa pergunta permitirá revelar a dimensão formativa da obra, sua capacidade de sensibilizar leitores e sua relevância para o debate sobre a democratização do alcance a saúde e ações de políticas públicas.

Este artigo propõe um diálogo interdisciplinar entre literatura, história, artes e estudos culturais, visando fortalecer uma compreensão da obra enquanto tecnologia social e política, capaz de contribuir para a reflexão crítica acerca do Ceará e do Brasil, de certa forma.

Caracteriza-se por adotar uma abordagem qualitativa e caráter interpretativo, pautada na análise de conteúdo tendo por referência a hermenêutica literária, com o objetivo de compreender as representações narrativas presentes na obra, apreendendo os sentidos simbólicos, estéticos e políticos que emergem do texto literário, indo além de uma leitura factual ou documental (BAKHTIN, 2011). Assim, utiliza-se a análise de conteúdo para identificar e interpretar o contexto da fome, seca e varíola que constituem o imaginário social da obra.

A narrativa é investigada mediante diálogo com as tradições da pintura social europeia, especialmente as obras de Goya e Millet, que inspiram a construção imagética do romance (BENJAMIN, 1994; KOSSOY, 2001). Simultaneamente, a investigação é ancorada em um recorte histórico-crítico, que contextualiza os fenômenos da seca e da epidemia, fundamentado em pesquisas sociais e históricas da época (ALENCAR, 2012; VENÂNCIO, 2011). Por fim, a metodologia adotada é dialógica e dialética, buscando construir uma leitura que articule palavra, imagem e memória como tecnologias para a compreensão e resistência social (BENJAMIN, 1994; FREYRE, 2006).

2. A Seca de 1877-1879

A seca que atingiu o Ceará entre 1877 e 1879 provocou uma mortalidade estimada em mais de 100 mil pessoas, além de desencadear intensos fluxos migratórios internos. A ausência de políticas públicas, aliada a uma estrutura agrária excludente e ao colapso das redes de abastecimento, converteu um fenômeno natural em uma grave crise humanitária. Esse período evidenciou não apenas a escassez de recursos, mas também as profundas vulnerabilidades sociais que agravaram o sofrimento da população do sertão cearense (ALENCAR, 2012; DIAS, 2019).

Durante a Grande Seca, milhares de sertanejos deixaram o interior do Ceará, especialmente as regiões do Cariri, Inhamuns e Sertão Central e migraram para Fortaleza em busca de socorro, enfrentando longas jornadas marcadas pela fome, doenças e morte (DANTAS, 2025; MOURÃO VIEIRA, 2013). Ao chegarem à capital, foram instalados em abarracamentos improvisados, como os de Jacarecanga e Alagadiço, onde a superlotação e a falta de saneamento agravaram o surto de varíola e outras epidemias. As medidas emergenciais, como os trabalhos públicos em troca de alimentos, mostraram-se insuficientes diante da omissão estatal e da corrupção na distribuição dos socorros. Essa tragédia vitimou mais de cem mil pessoas e converteu Fortaleza em um espaço de miséria e sofrimento.

O impacto da seca ultrapassou as dimensões social e ambiental, configurando um trauma coletivo marcado por perdas humanas e por rupturas socioeconômicas. A calamidade revelou as fragilidades da organização política, que perpetuava desigualdades e excluía grande parte da população do acesso a direitos básicos, como água, alimento e saúde (MOURÃO VIEIRA, 2013; MACÊDO, 2024).

Durante esse período, a crise hídrica, afetou drasticamente a produção agrícola, causando fome generalizada e migrações massivas para centros urbanos, principalmente Fortaleza. A chegada dos retirantes sobrecarregou ainda mais a infraestrutura da capital, provocando cenas de miséria e condições sanitárias precárias que potencializaram a disseminação de doenças epidêmicas, como a varíola (COSTA, 2004; DIAS, 2019).

Durante esse período, a crise hídrica afetou drasticamente a produção agrícola, provocando fome generalizada e migrações massivas para os centros urbanos, especialmente Fortaleza. A chegada dos retirantes sobrecarregou ainda mais a infraestrutura da capital, gerando cenas de miséria e condições sanitárias precárias que favoreceram a disseminação de doenças epidêmicas, como a varíola (COSTA, 2004; DIAS, 2019). Esse cenário de desolação e abandono é retratado com intensidade no romance que oferece uma perspectiva sensível sobre o sofrimento dos retirantes.

Como assevera o autor (THEOPHILO, 1890, p. 1), “No ano de 1877, o ano da fome, que na Jacarecanga, um dos arrabaldes tristes da Fortaleza, arranchava-se à sombra de um cajueiro uma família de retirantes, de infelizes, que, depois das torturas de uma viagem penosa de cem léguas. ” A imagem construída por Teófilo não apenas documenta a calamidade, mas também humaniza os sujeitos da tragédia, revelando a jornada forçada em busca de sobrevivência.

Ao representar a seca, Teófilo remete à crítica contemporânea sobre as vulnerabilidades estruturais nas regiões semiáridas (MARTINS et al., 2021). Os desastres

naturais não são apenas fenômenos biológicos ou climáticos, mas acontecem em contextos sociais onde desigualdades territoriais e políticas agrárias excludentes agravam os efeitos, transformando-os em tragédias humanitárias. Essa perspectiva reforça o entendimento de que a seca foi intensificada pela negligência estatal. “A aglomeração dos retirantes sentados ao sol nos passeios das casas e calçamento das ruas revelava a negligencia com que era feita ali a distribuição dos socorros públicos.” (THEOPHILO, 1890, p. 405)

No que tange à representação estética da miséria, o imaginário da obra dialoga com as reflexões de Zavariz (2015) sobre a literatura social como meio de sensibilização ética e política, capaz de gerar empatia e questionamento crítico no leitor. Este autor enfatiza que a arte pode promover uma consciência social que transcende dados frios, captando o sofrimento humano em sua complexidade.

Essa abordagem dialoga com as ideias de Walter Benjamin (1994), que destaca a capacidade da arte de capturar a complexidade do sofrimento humano e promover uma consciência social capaz de movimentar para a transformação. Ao evocar a tradição da pintura social europeia, como a de Goya e Millet, Teófilo constrói imagens literárias que sensibilizam para a ética e a política da miséria, reforçando a leitura de Mikhail Bakhtin (2011) sobre a literatura como espaço dialógico que articula experiência, história e compromisso social.

3. A Estética da Miséria

A fome e a miséria são representadas não apenas como ausência material, mas como um sofrimento estético humanizado. Teófilo descreve cenas de desespero com forte carga imagética, evocando corpos abandonados às margens das estradas, fisionomias marcadas pela extrema magreza, olhares de angústia, compondo um retrato vívido da miséria e da dor humana (THEOPHILO, 1890).

Essa construção literária pode ser compreendida, conforme Rodrigues Júnior (2023), a partir da noção do sublime, em que o horror e a dor extrema ultrapassam a esfera da representação realista e assumem uma potência estética capaz de provocar fascínio e repulsa no leitor. Essa potência se materializa nas metáforas de desumanização que povoam a narrativa, tal como evidenciado no estudo de Silva (2021), no qual se destacam termos como “besta humana” e “espectros ambulantes” para traduzir os limites da sobrevivência.

Nesse sentido, Teófilo não se limita a descrever; ela encena o sofrimento. A imagem citada pelo autor: “Tinha de si uma múmia de pé, encostada ao tronco de uma árvore. A figura era horripilante” (THEOPHILO, 1890, p. 52), sintetiza essa estratégia estética, que converte o corpo faminto em um símbolo de pavor e compaixão. Dessa forma, a estética da miséria

constitui-se como um painel expressionista que, ao mobilizar o leitor para além da contemplação, gera indignação e o convoca a uma reflexão crítica sobre as estruturas sociais.

4. A Varíola e o Corpo Doente como Discurso Estético

A varíola, que se alastrava como uma calamidade subsequente à seca e à fome, emerge em como uma metáfora potente da negligência da desigualdade social no acesso à saúde (VENÂNCIO, 2011). Longe de ser apenas um dado histórico, a epidemia é representada como parte de um ciclo de abandono que atinge as camadas mais vulneráveis da população sertaneja.

Considerada uma das epidemias mais devastadoras da história humana, a varíola trazia consigo sintomas severos como febre alta e erupções cutâneas pustulosas, que resultavam em uma elevada mortalidade, frequentemente ultrapassando 30% dos casos (VENÂNCIO, 2011). Originária provavelmente da Ásia ou do nordeste da África, espalhou-se pela Europa a partir da Antiguidade e, com a expansão colonial, chegou às Américas no século XVI, provocando epidemias que dizimaram populações inteiras. No Brasil, os primeiros registros datam do período colonial, e, no Ceará, a doença assumiu proporções epidêmicas durante a seca de 1877–1879, quando as condições de superlotação, fome e falta de saneamento facilitaram sua disseminação (COSTA, 2004; VENÂNCIO, 2011).

As descrições das vítimas da varíola no sertão cearense carregam um forte imaginário de decomposição e fim violento da vida. Ao entrar na sala, Freitas percebe o odor insuportável da carniça e encontra um cadáver em estágio avançado de decomposição. O rosto desfigurado, revela a violência da doença e a presença constante da morte naquele ambiente. Essa cena não só expõe o horror físico causado pela varíola, mas também simboliza a fragilidade da população sertaneja, vítima das condições extremas de abandono social, fome e doença, que marcam a narrativa com um tom de denúncia e sofrimento coletivo. (THEOPHILO, 1890)

A literatura de Teófilo opera nesse registro estético para dar visibilidade ao sofrimento coletivo, transformando o corpo adoecido em símbolo de uma nação fragilizada por desigualdades estruturais (MARTINS et al., 2021). Essa escolha narrativa confere à obra uma densidade que ultrapassa o naturalismo descritivo, aproximando-a de um discurso ético e político.

A resposta de Teófilo à crise sanitária, por meio da militância pela vacinação e de campanhas realizadas à revelia do governo, é um dos elementos que consolidam sua figura como intelectual engajado (LIRA NETO, 2011). Ao retratar cenas de vacinação clandestina

no romance, o autor projeta literariamente sua própria luta sanitarista, reafirmando o papel da ciência como instrumento de resistência popular. Nesse sentido, a literatura não apenas reflete a realidade social, mas também atua como veículo de intervenção, reforçando a legitimidade do saber científico em um cenário de negacionismo político.

A representação assume contornos estéticos, simbólicos e políticos. O corpo doente é transformado em metáfora de um país adoecido pela ausência de políticas públicas, mas também em espaço de resistência e esperança pela via da ciência. Essa dualidade faz da narrativa um testemunho singular de denúncia e de mobilização, cujo impacto permanece atual para os debates sobre saúde pública.

5. A Dimensão Religiosa e o Imaginário Popular

As crenças, rituais e símbolos religiosos permeiam a narrativa, configurando uma interpretação do sofrimento que ultrapassa o plano material e situa a calamidade num âmbito espiritual e moral que mobiliza a comunidade sertaneja afetada pela seca e pela varíola. Essa presença reafirma o papel da religiosidade como forma de resistência, consolo e reorganização social diante da adversidade (PEDROZA, 2024; ALENCAR, 2012).

O romance destaca passagens que apresentam orações coletivas, procissões e práticas penitenciais como respostas humanas à crise, expressões simbólicas pelas quais os sertanejos tentam dar sentido ao infortúnio e apaziguar forças que consideram responsáveis pela seca e pela disseminação da doença (VENÂNCIO, 2011). Esse repertório simbólico não apenas espelha a religiosidade oitocentista do Nordeste, mas também remete ao imaginário da finitude e da efemeridade da vida, fortemente manifestado nas descrições dos corpos marcados pela degradação social (SILVA, 2021).

Nesse contexto, Theophilo (1890, p. 40) retrata de forma vívida a fusão entre o desespero concreto e a transcendência, descrevendo que: “Josepha ajoelhou-se e cruzando as mãos sobre o peito, e extática, olhando para o tecto, em fervorosa oração, pediu ao céu protecção e lenitivo às suas aflições. [...] Deus aparecia, não impalpável em espírito, mas encarnado no Christo macilento e suppliciado.”

O diálogo entre literatura e cultura popular através desses elementos religiosos evidencia a complexidade da vivência social da seca, na qual o sofrimento material se entrelaça com crenças e narrativas míticas coletivas. Essa dimensão é primordial para a constituição de uma memória cultural resistente ao esquecimento das experiências traumáticas, consolidando-se como componente central da identidade regional (MARTINS; LIMA; SILVA, 2021).

Ao explorar a religiosidade presente na obra, o artigo revela fatores estéticos e simbólicos que configuram um retrato multifacetado da tragédia, impactando tanto o corpo quanto a alma da população sertaneja. Essa compreensão é vital para apreender as estratégias culturais de sobrevivência frente às crises humanitárias e para refletir sobre o poder das narrativas culturais como meios de preservação da memória histórica (BRITO, s.d.; PEDROZA, 2024).

6. Literatura, Arte e Memória coletiva: considerações Finais

Ao reunir elementos fáticos como registros da calamidade e da negligência estatal e estéticos, como imagens literárias de sofrimento e resistência, Teófilo transforma o romance em um dispositivo de memória. Sua narrativa ultrapassa os limites da ficção naturalista e assume um papel formativo, funcionando como uma tecnologia educacional.

O romance transcende a mera narrativa literária, atuando como um documento histórico que revela aspectos complexos da realidade social e política. Para o historiador, obras artísticas como esta representam fontes valiosas que vão além dos registros factuais, oferecendo uma visão estética das experiências humanas enfrentadas em contextos de exclusão. Conforme discutido por Walter Benjamin (1994), a arte tem o potencial de capturar a “complexidade do sofrimento humano” e suscitar uma consciência social transformadora, articulando memória, história e política de forma crítica e formativa.

A dimensão estética da arte, expressa na obra de Teófilo por meio da construção imagética da miséria, remete também a conceitos da iconografia propostos por Panofsky (1976), que permitem a interpretação das camadas simbólicas presentes nas imagens literárias. A arte oferece, portanto, um meio de sensibilização ética, capaz de revelar as contradições e injustiças de um determinado período histórico. Nesse sentido, a obra funciona como um mecanismo para a preservação da memória coletiva, tal como ressaltam autores como Aleida Assmann (2008) na análise das práticas culturais da memória.

Segundo Bergamini Junior (2024), a obra é capaz de articular passado e presente por meio de uma linguagem literária que evoca o trauma coletivo e a injustiça social. O autor destaca que *A Fome* não apenas documenta a tragédia, mas também a estetiza, criando um espaço de reflexão sobre os efeitos da calamidade na constituição da identidade nordestina.

Marcada por traços do naturalismo e do gótico, constrói uma representação artística da miséria que desafia o leitor a confrontar os limites da humanidade em situações extremas. Essa estética do horror, longe de ser gratuita, contribui para a formação de uma consciência histórica e social (FRANÇA; SENA, 2015)

Nesse sentido, a literatura opera como meio de mediação de experiências históricas com potencial formativo. Ao retratar os flagelados da seca como sujeitos históricos e não apenas vítimas, contribui para a construção de uma memória cultural que reconhece a dor, a resistência e a complexidade da tragédia nordestina.

O romance *A Fome*, de Rodolfo Teófilo, transcende a simples narrativa literária para se firmar como uma obra de denúncia social, que expressa as dores, resistências e a complexa realidade de um povo assolado pela seca. Mais que um registro histórico, a obra constrói um imaginário coletivo que revela as profundas consequências das negligências estruturais, das desigualdades socioeconômicas e da ausência de políticas públicas eficazes naquele contexto (BRITO, 2012; PEDROZA, 2024).

Este estudo destaca a obra como um instrumento formativo, capaz de educar e sensibilizar leitores, especialmente em temas relacionados à saúde pública e às tecnologias do cuidado. O caráter memorialístico da obra fortalece a reflexão crítica sobre políticas públicas e a responsabilidade do Estado na prevenção e no enfrentamento de calamidades sociais e sanitárias, como secas, fome e epidemias (LIMA, 2021; VENÂNCIO, 2011).

É imprescindível que o Estado assuma seu compromisso histórico e atual, promovendo políticas eficazes que incluam investimentos em infraestrutura, acesso universal à saúde, ações educativas e redes de proteção social. Tais medidas são fundamentais para garantir a equidade e para romper com os ciclos de exclusão e vulnerabilidade que perpassam as populações afetadas por crises ambientais e humanitárias (ALENCAR, 2012; DANTAS, 2025).

Finalmente, a leitura crítica dessa obra convoca pesquisadores, gestores e formuladores de políticas a repensarem estratégias integradas que articulem ciência, cultura e cidadania. Propõe-se um fortalecimento do diálogo interdisciplinar entre as áreas humanísticas, sociais e de saúde, valorizando a pluralidade de saberes e a memória social como fundamentos para a justiça social e a sustentabilidade regional (SODRÉ, 1995; KOSSOY, 2001).

Referências Bibliográficas

ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS. Rodolfo Teófilo. Fortaleza, 2023. Disponível em: <https://academiacearensedeletras.org.br/membros/rodolfo-teofilo-2/>. Acesso em: 13 out. 2025.

ALENCAR, Francisco J. de. *A seca de 1877: o flagelo que marcou o Nordeste*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2012. Disponível em: <https://www.srh.ce.gov.br/historico/>. Acesso em: 25 set. 2025.

ASSMANN, Aleida. *Cultura e memória*. Tradução [do alemão]. São Paulo: Contexto, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGAMINI JUNIOR, Atilio. “Scenas da secca”, de 1878: o folhetim desaparecido de Rodolfo Teófilo. *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*, v. 33, n. 2, 2024. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/53422. Acesso em: 7 set. 2025.

BRITO, Luciana. *A Fome*: retrato dos horrores das secas e migrações cearenses no final do século XIX. *Revista EL – UEL*, [s.l.], n.d. Disponível em: <https://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL10B-Art8.pdf>. Acesso em: 7 set. 2025.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Vaqueiros e cantadores*. São Paulo: Global, 2003.

COSTA, Mariana. Teorias médicas e gestão urbana na seca de 1877 a 1879. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 11, n. 2, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/RsqDrVbzDm6wGyT3MXqsZyB/?lang=pt>. Acesso em: 25 set. 2025.

DANTAS, Roberto Nunes. A seca de 1877/79 no Nordeste brasileiro. *Revista Canudos*, v. 13, n. 24, p. 101-120, 2025. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/dispositiva/article/view/P.2237-9967.2024v13n24p101-120>. Acesso em: 25 set. 2025.

DIAS, João Carlos. Mortalidade e migração no período da seca de 1877-1879 no Ceará. *Revista Resgate*, Campinas, v. 15, n. 1, p. 20-34, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8656538>. Acesso em: 25 set. 2025.

FRANÇA, Júlio; SENA, Marina. O Gótico-Naturalismo em Rodolfo Teófilo. *SOLETRAS*, n. 30, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/soletras/article/view/19568>. Acesso em: 7 set. 2025.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. São Paulo: Global, 2006.

KOSSOY, Boris. *Realidade e ficção na fotografia latino-americana*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LIRA NETO, Ronaldo. *Getúlio, 1882-1930: dos anos de formação à conquista do poder*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MACÊDO, Luis Henrique. Romação popular e memória da seca. *Revista Ágora*, v. 21, n. 2, p. 112-130, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/agora/article/view/34161>. Acesso em: 25 set. 2025.

MARTINS, André; LIMA, Luiz; SILVA, Maria. A recusa da denegação da fome na obra de Rodolfo Teófilo: uma leitura psicanalítica. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, Maringá, v. 43, e57178, 2021. Disponível em:
<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/57178>. Acesso em: 7 set. 2025.

MOURÃO VIEIRA, Ana Paula. A seca de 1877-1879 no Ceará: aspectos sociais e econômicos. Anais da Semana de História da UECE, 2013. Disponível em:
https://www.uece.br/eventos/xviisemanadehistoriauece/anais/trabalhos_completos/75-9838-27092013-093113.pdf. Acesso em: 25 set. 2025.

PANOFSKY, Erwin. *Studies in iconology: humanistic themes in the art of the Renaissance*. Oxford: Oxford University Press, 1976.

PEDROZA, Antonia Márcia Nogueira. Seca, miséria e escravização ilegal no romance *A Fome* (1890) de Rodolfo Teófilo. *Revista de Estudos de Cultura*, v. 10, n. 24, p. 97–114, jan./jun. 2024. Disponível em:
<https://periodicos.ufs.br/revec/article/download/21317/16278/69986>. Acesso em: 7 set. 2025.

RODRIGUES JÚNIOR, Aírton. O sublime e a fome. *Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira*, São Paulo, n. 22, p. 206-229, 2023. DOI:
<https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniae.2023.215578>.

SILVA, André. As imagens retirantes: a figurabilidade da seca de 1877-1879. *Revista do Núcleo de Estudos de Literatura e Intersemiose – Redalyc*, v. 12, n. 1, p. 155-172, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3844/384449112010/html/>. Acesso em: 7 set. 2025.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SOUZA JÚNIOR, Hélio Beserra; ALENCAR, Manoel Carlos Fonseca de. Trajetória e formação de Rodolfo Teófilo. Fortaleza, 2017. Disponível em:
https://www.uece.br/eventos/jihlfeclesc/anais/trabalhos_completos/363-41902-07112017-192315.pdf. Acesso em: 13 out. 2025.

THEÓFILO, Rodolfo Marcos. A fome: scenas da sêcca do Ceará. Ceará: G. R. Silva, 1890.

VENÂNCIO, Renato Pinto. *Doença e sociedade: a varíola e a cultura da doença no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.